

A poesia, a arte, a imortalidade **The poetry, the art, the immortality**

JORGE VAZ DE CARVALHO¹

Resumo: O *tópos* da imortalidade literária percorre a literatura desde Homero. Se toda a cultura proclama o desejo de superar a nossa condição natural, em Jorge de Sena, a par do veemente inconformismo em face do absurdo de nascermos para morrer, há uma afirmação da descrença em qualquer tipo de imortalidade. Daí a urgência no reconhecimento dos méritos da obra incomparável de que sabe ser autor, querendo-o neste mundo por, como escreve, não acreditar noutro. Mas se uma obra é essencialmente um gesto de sobrevivência, a de Sena cumpre decerto a profecia do seu verso: «Um dia nos libertaremos da morte sem deixar de morrer».

Palavras-Chaves: Jorge de Sena; poesia; arte; imortalidade.

Abstract: The recurring theme of literary immortality runs through literature since Homer. If all culture proclaims the desire to overcome our natural condition, we find in Jorge de Sena, along with the vehement nonconformity in the face of the absurdity of being born to die, an affirmation of disbelief in any kind of immortality. Hence the urgency in recognizing the merits of his incomparable work, of which he is aware, as he wants to be recognized in this world because, as he writes, he does not believe in another. But if a work is essentially a gesture of survival, that of Sena certainly fulfils the prophecy of its verse: «One day we will be delivered from death without ceasing to die».

Keywords: Jorge de Sena; poetry; art; immortality.

¹ Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa. Tem um multifacetado percurso no panorama cultural português. Músico de carreira internacional, é poeta, ficcionista, tradutor e ensaísta. Doutorada em Estudos de Cultura, é professor em Lisboa, na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa.

Difícilmente alguém aceita de bom grado a morte. Escreve Jorge de Sena, no poema «A morte, o espaço, a eternidade», do livro *Metamorfoses*: «Tudo se fez para escapar-lhe, tudo / se imaginou para iludi-la», ela é a inevitabilidade que se recusa e nunca «ninguém a recebeu / senão cansado de viver» (1963). A inquietação com a morte é, afinal, a inquietação do ser humano com a vida, com a sobrevivência. Outro poema de *Metamorfoses*, «Artemidoro», dirige-se a um jovem identificado pelo seu nome grego, cuja múmia, preservada conforme os ritos funerários egípcios, está num sarcófago em que um pintor «compôs um rosto» ao estilo romano. Esta extraordinária confluência de culturas foi escavada em solo egípcio e trazida para ser exposta num outro espaço-tempo cultural, o Museu Britânico de Londres. Quem deste modo se despediu de Artemidoro, quis evitar a decomposição do corpo, para que a alma tivesse aonde regressar das regiões da morte. No entanto, apesar dos piedosos cuidados, dele nada se sabe: «Sed caste assim serenamente, enquanto / quem tu eras se perdeu depressa / nas memórias humanas que habitaste». Ficou esquecida a identidade, que, mais do que um nome próprio ou um corpo individual, é toda a relação partilhada com o grupo social, a cultura e o tempo. Para Artemidoro e a família, o importante da identidade seria o nome inscrito, a máscara, a encáustica talvez idealizada, e o corpo intacto tornado agora a «ressequida pele / rasgada aqui e ali, mostrando os ossos / por onde as

suas ligaduras se soltaram», com o fim de garantir o retorno a uma nova vida física. Mas é outro o ritual mágico que resgata ao olvido e immortaliza este grego do século II: os versos em que o poeta, na função que lhe atribui Aristóteles na *Poética*, o restituiu à existência, dialogando com ele e imaginando-lhe verosímil e necessariamente a história tal como poderia ter acontecido, em vez do que aconteceu e já não é possível conhecer.

Outro poema de *Metamorfoses*, «Retrato de um desconhecido», refere-se a um belo quadro de escola portuguesa do século XVI, que se encontra no Museu Nacional da Arte Antiga, em Lisboa, mostrando o busto de um jovem cavaleiro. Os versos perguntam: «Quem era? Qual o nome? Não sabemos / nada, inteiramente nada. [...] E, / dele, como do Mestre, não sabemos nada. E quanto à data... a data é muito incerta». Pelas vestes, pela pose, pelas poses para encomendar pintura tão dispendiosa, não podem restar dúvidas de que o retrato foi encomendado para fixar o distinto aristocrata para sempre na imagem dos anos primaveris, e o conservar assim na galeria familiar por ser tido em admirável afeto e apreço. Percorrendo os museus do mundo, damos conta da quantidade de retratos cujos modelos, notáveis em vida o bastante (na consideração própria ou de outrem) para serem perpetuados à vista, ficaram afinal anónimos. Um acidente ou adversidade roubou à memória a «importante personagem» que se elevara ao estatuto digno de contemplação, e a sua imagem só

resiste por ser «Magnífica pintura» de um mestre excepcional: retratos masculinos de Albrecht Dürer ou de Antonello da Messina e femininos de Leonardo da Vinci (a dita «La belle ferronière») ou de Lucas Cranach, entre tantos e tantos exemplos. Liberto da ocupação biografista, pode o observador dedicar-se ao estudo da representação e à reflexão sobre o ato criador como prática em que a pessoa visualizada é transmutada pelo pensamento estético e pela técnica artística no objeto pictórico. Há, por outro lado, personagens sem razões que relevassem especialmente a sua passagem neste mundo, mas que ficaram guardadas na memória do tempo apenas porque a imagem foi salvaguardada pelo pincel de um artista de génio: Lisa del Giocondo, por Leonardo, o casal Arnolfini, por Jan van Eyck ou Hortense Fiquet, pelo marido Paul Cézanne.

O *tópos* da imortalidade propiciada pela arte percorre a literatura desde Homero. Na *Ilíada* (VI, 357-8), dirigindo-se a Heitor, Helena sabe já que sobreviverão à morte, não enquanto seres, como todos, perecíveis, mas enquanto personagens do poema, pela fama dos versos imorredoiros: «Sobre nós fez Zeus abater um destino doloroso, para que no futuro / sejamos tema de canto para homens ainda por nascer». Na *Odisseia* (XXIV), a alma de Agamémnon, a quem não coubera morte honrosa no combate, mas «uma morte amarga» às mãos da esposa Clitemnestra e do seu amante Egisto, descreve a Aquiles o «túmulo grande e irre-

preensível» que lhe tinham construído num promontório, «para que fosse avistado do mar pelos homens / tanto os de agora como os que estão para nascer»; e exclama: «Muito caro foste tu aos deuses! / Deste modo até na morte não perdeste o nome, mas para sempre / a tua fama será excelente entre os homens, ó Aquiles!». E, para não vos sobrepesar com inúmeros exemplos, lembrarei os vários sonetos (os n.ºs 15, 18 ou 55) em que Shakespeare afirma o poder imortalizador do poeta, o qual, em guerra com o tempo por amor da pessoa amada, promete regenerar-lhe todo o desgaste sofrido e, pelos versos imperecíveis, assegurar-lhe a memória eterna: o tempo só afeta as coisas materiais, como o mármore das estátuas e os áureos monumentos, não a poesia, preservada nos escritos e guardada nas mentes. Ela é a fórmula (mágica?) para preservar do declínio causado pelo acaso desfavorável ou a natureza transitória das coisas humanas. Já esta mesma confiança pode ser lida em Camões, no soneto «Cara minha inimiga em cuja mão», em que promete à «peregrina formosura» da amada, morta por afogamento, que terá a lembrança dilatada, «enquanto no mundo houver memória», porquanto «Será a minha escritura o teu letreiro»: os «rudos versos» em que a celebra garantir-lhe-ão vida além da própria existência do poeta, como ela, mortal, porque continuarão perenemente a falar dela aos leitores.

De novo em *Metamorfoses*, no poema «A morte, o espaço, a eternidade», Sena, inconformado com o absurdo de nascermos para a morte, lança um apotegma visceral: «De morte natural nunca ninguém morreu. / Não foi para morrer que nós nascemos». Soa aqui, reconhecidamente, o eco da «Ode to a Nightingale», de John Keats: «Thou wast not born for death, immortal Bird!». Keats fala com platónica maiúscula da ave arquetípica, imorredoura, sinédoque da prole que por séculos nos vem alegrando com o seu canto mavioso; o poema de Sena fala antes da insatisfação existencial do ser humano:

Não foi para morrermos que falámos,
que descobrimos a ternura e o fogo,
e a pintura e a escrita, a doce música.
Não foi para morrer que nós sonhámos
ser imortais, ter alma reviver,
ou que sonhámos deuses que por nós
fossem mais imortais que sonharíamos.
Não foi.

A consciência da morte sempre impeliu o ser humano a aplicar-se para iludir ou adiar o inescapável. Toda a cultura proclama o desejo de superar os constrangimentos da condição natural: «A morte é natural na natureza. Mas / nós somos o que nega a natureza». Pertencemos à espécie cuja natureza é transcender a sua natureza, que existe para superar as limitações do espaço-tempo e se sobrelevar através da criação de cultura. «Para emergir nascemos», afirma o poema, e com o nascer co-

meça não só o esforço de «perseverar no ser», como disse Espinosa, mas a vontade de nunca nos limitarmos a cumprir o ciclo vital que a natureza determinou à nossa animalidade. Outro verso afirma: «Não há limites para a Vida». Acende-se o inconformismo: «É uma injustiça a morte. E cobardia / que alguém a aceite resignadamente». Para Sena, constitui uma traição à vida aceitar a inevitabilidade da morte, omitir o «furor tamanho de existir-se eterno» de que nos fala o poema «Mahler: Sinfonia da ressurreição». A verdadeira morte é não cumprirmos (para o dizer com a superioridade do conceito grego) a ἀρετή, demitirmo-nos de buscar o valor da excelência, não provarmos o que «de deuses palpita e ressuscita em nós», isso que a obra de Sena precisamente demanda como cosmologia nova, em que a eternidade é imamente na própria existência humana ativa (não em qualquer transcendência metafísica), como manifesto da vontade prometeica de roubar o fogo criador e tomar condignamente o lugar de Deus, inclusive superando-o:

Não é nos braços dele que repousamos,
mas ele se encontrará em nossos braços
quando chegarmos mais além do que ele.

Um outro aspeto da imortalidade é a que premeia o criador de obras cujo mérito é confirmado pela posteridade. Um grupo de manuscritos de Deir el-Medina, conhecido como *A imortalidade do escritor*, revela um texto da sabedoria do Antigo Egito, datável do período

entre a 19.^a e a 20.^a dinastias (1200 anos a.C.), registado num papiro conservado no Museu Britânico. Contém a mais antiga passagem preservada em louvor dos escritores e da escrita como forma de garantir a *imortalidade*. Podem eles não ter construído belas tumbas de bronze nem gerado filhos para os perpetuarem, mas deixam por herança a progénie de textos que lhes assegura para sempre as gerações de leitores. Mesmo quando as suas sepulturas tiverem caído no esquecimento (vêm-nos à mente Camões, Blake ou Mozart), os nomes inapagáveis perdurarão. Os rolos de papiro, diz ainda o texto, são mais úteis do que as tumbas ou as casas bem construídas, mais perfeitos que torres de palácios, mais duradouros que um monumento. Pela arte se sobrevive lembrado muito para além da morte física.

Esta mesma certeza da imortalidade poética foi formulada por Horácio, na última ode do terceiro livro (XXX): «Erigi monumento mais duradouro do que o bronze / e mais alto do que a régia construção das Pirâmides / que nem a chuva voraz, nem o furioso Áquilo / nem a inumerável série dos anos / nem a fuga do tempo poderão destruir». Sublinho a fulcral expressão de Horácio: «no louvor dos pósteros crescerei renovado». Assume o orgulho que o mérito conquistou, ciente de que o prazer estético que a sua obra proporciona revigorará nas sucessivas leituras e louvores dos vindouros, fazendo-o digno da coroa de louros da musa Melpómene (e o facto é que

o verso horaciano sobrevive há 2500 anos como *locus classicus* do poder da poesia sobre o esquecimento). Logo Ovídio fez eco do antecessor, no Primeiro Livro de *Amores* (xv), em que afirma buscar com a sua obra a glória perene, que ressoe por todo o tempo e o espaço, convicto de que não morrerá inteiramente e grande parte de si permanecerá subtraída à morte; e os versos finais de *Metamorfoses* declaram que a morte não tem mais poder que sobre o corpo: «Porém, na minha melhor parte, serei levado imortal / para lá dos altos astros, e o meu nome será indestrutível»; por toda a parte «a boca dos povos ler-me-á, e por séculos sem fim, graças à fama / (se os vaticínios dos poetas alguma verdade contêm), viverei».

Ainda assim, a morte indigna sempre. Pergunta Sena no final do poema «Fantasias de Mozart para tecla»: «Como / foi possível que este homem alguma vez morresse?»). Mozart morreu com 35 anos apenas, Sena com 58, mas toda a morte de um grande criador é precoce, não só porque desaparece um ser, como todos, irrepetível, mas porque, a despeito do que o legado permite usufruir, ela não deixa de nos furtar a imensa quantidade de beleza que não chegou a ser criada. Além disso, no «Prefácio da primeira edição» de *Poesia-I*, Sena afirma inequivocamente: «Eu não acredito na imortalidade de coisa alguma» (1961). Também na entrevista concedida à revista *O Tempo e o Modo*, no n.º 59, de abril de 1968, que lhe foi dedicado, repete: «Dado que eu não acredito em nenhuma forma de imortalidade»,

acrescentando: «tenho erudição bastante para saber que cemitérios são as bibliotecas e as histórias literárias» (p. 419). Sena não se cansa de acentuar o sentimento de injustiça por não receber dos camaradas de letras e do público leitor o reconhecimento imediato de que se sabia credor; e a apreensão por, num país tão lesto a coroar a mediocridade, «o silêncio ou o amesquinamento» (p. 419) serem bastantes para sepultar um autor com 30 anos de obra incomparável. Eduardo Lourenço, em carta de 14 de junho de 1967, bem lhe pode dizer: «um homem com a sua consciência literária e crítica, com a sua obra tinha o direito de esperar com infalível certeza a hora que lhe está destinada». Mas, para Sena, «não há eternidade estética fora do presente», daí a urgência de receber «pelo muito e bom que tenho feito», como, sem falsas modéstias, afirma, a merecida consideração e notoriedade, o que só faz sentido, ao contrário do que sucede comumente (desde logo a Camões), no tempo útil da presença neste mundo, por, como tanta vez declara, não acreditar em outro. Como não lhe haveria de fazer falta o justo reconhecimento na única concebida existência em que o poderia desfrutar? De resto, a crença na vida eterna é para Sena tão só o engano em que o ser humano persiste por desespero da vida terrena horrível, de que ele mesmo é responsável, como se lê no poema «Glosa à chegada de Godot», de *Post-scriptum*:

Pois nenhum mundo nos fará melhores,
nem nenhum Deus nos salvará do mal.
Nunca nenhum salvou. Apenas nos fartámos
de horror que não sabíamos. E queremos
novos mundos e deuses sem enganos,
em que, depois de já sabermos que
somos falsos e vis, cruéis e vácuos,
possamos dar-nos ao supremo engano
de calmas e fraternas sobrevidas.

Em carta a Eduardo Lourenço, de 8 de junho de 1967, Sena afirma a alta consciência do seu valor:

Eu não preciso que ninguém me diga que sou um dos maiores poetas da língua portuguesa, um dos contistas mais originais, um dos críticos mais sérios e importantes, autor de algum do teatro mais significativo do século. Eu sei que sou. Mas o público e o estrangeiro precisa.

Certo é que a vastidão, a amplitude e a qualidade da obra seniana, sem par no século XX português, e que em nada fica atrás dos melhores da Literatura com maiúscula, como disse José Blanc de Portugal, carece de chegar ao conhecimento – logo, ao reconhecimento – universal. E o defeito não é dela, mas do facto de estar escrita numa língua que, embora goste de se orgulhar de ser a quarta europeia mais falada no planeta, tem uma evidência diminuta no espaço culto das nações (desde a ausência dos maiores escritores nas livrarias internacionais até à dedicação dos estudos universitários). A nossa política

cultural desleixa-se de tal responsabilidade e as editoras só aproveitam as ondas de maior oportunidade comercial, sem a ação que afirme a excelência dos nossos autores no mundo. Apesar de boa parte da obra de Sena estar traduzida nos principais idiomas e dos estudos que lhe são dedicados em meios académicos, a maioria do público, incluído o estudantil (e não nos iludamos: os estudantes, obrigados pelo programa escolar, não são por força os melhores leitores, aqueles que habitam intelectual e afetivamente uma obra), mal educado para os juízos do gosto, desviado por jornalistas e livreiros para os holofotes da última novidade e da «besta célere», levados a consumir superficialidades que a propaganda esperta impinge como obras-primas e nelas comprazido, não chega a saber, quanto mais a amar, o nível superior de uma criação como a de Jorge de Sena.

Vitupere o poeta o absurdo de morrer e descreia de imortalidades, incluindo a literária. Creia antes que a eternidade é deste mundo e não uma questão de tempo, mas de ascensão à excelência, a ἀρετή que, cumprida, prova o que há de divino na sua essência. Logo em *Perseguição*, no poema «Purificação da unidade», Sena escreve:

Não procures o que é efémero...;
não procures o que é Eterno,
tu não podes saber, tu não chegas para saber
o que é ou não é eterno.

[...]

O silêncio, o silêncio fechado, recolhido e morno,
descerá do alto... ah mas não te enganes
porque ele não é Deus! Não é Deus!
É somente um resquício,
um sopro, um suor de eternidade,
de eternidade que não é de tempo,
de eternidade que é só altura,
e só diferença de mundos!...

Mas que autor escreve uma obra senão como gesto de sobrevivência, para que outros confirmem no futuro a sua existência transitória? «Toda a escrita é um exercício de imortalidade», diz Eduardo Lourenço, em *Heterodoxia II*. Como admitir que caia no esquecimento e não receba o «favor com que mais se acende o engenho», de que fala Camões n'Os *Lusíadas* (X, 145), lamentando que o não dê a pátria e a «gente surda e endurecida»? De resto, no poema «Camões dirige-se aos seus contemporâneos» está implícita a evidência de o poeta se sentir predestinado para sobreviver a si mesmo, a certeza da memória e da admiração que prevalecerão necessariamente sobre iniqüidades, silêncios e negligências dos meios literários. Como o próprio Sena escreveu no verso final do poema «Glória»: «Um dia nos libertaremos da morte sem deixar de morrer». Pelo menos enquanto a língua portuguesa subsistir nos leitores de inteligência sensível para a sua melhor expressão, as aves passarão e a sua sombra, mas a imortalidade, naturalmente, perdurará.

Bibliografia

Lourenço, E. (1987). *Heterodoxia I e II*. Assírio & Alvim. Lisboa.

Sena, J. de (1942). *Perseguição: Poemas*. Cadernos de Poesia. Lisboa;

Sena, J. de (1961). Prefácio da primeira edição. Em: *Poesia-I*. Moraes, Lisboa;

Sena, J. de. (1963). *Metamorfoses: Seguidas de quatro sonetos a Afrodite Anadiómena e com um posfácio e notas do autor*. Moraes. Lisboa;

Sena, J. de. (1968, abril). Falando com Jorge de Sena. *O Tempo e o Modo*. **59**: 409-430;

Sena, J, de (1985) *Post-scriptum*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Lisboa. 2 vols.